

O Darling! – Até Que A Morte Nos Separe –¹

Patricia Lino

University of California, Santa Barbara

Resumo: A importância de Vinicius de Moraes na cultura lusófona é indiscutível. Partindo de uma reflexão pessoal sobre os últimos cinco anos, propõe-se a breve abordagem de quatro pontos de leitura que, através da sua diversidade, o venham lembrar: 1. Texto carioca; 2. Texto intertextual; 3. Texto grotesco; 4. Texto interventivo.

Palavras-chave: Vinicius de Moraes, Rio de Janeiro, *Orfeu da Conceição*, poesia interventiva, poesia grotesca

Abstract: The importance of Vinicius de Moraes in the Luso-Brazilian culture is unquestionable. Starting from a personal reflection on the last five years, this text intends to talk about four main reading points that, through diversity, can remind us of Vinicius' literary influence: 1. Carioca text; 2. Intertextuality; 3. Grotesque text; 4. Interventionist text.

Keywords: Vinicius de Moraes, Rio de Janeiro, *Orfeu da Conceição*, interventionist poetry, grotesque poetry

*Recordam-se vocês do bom tempo de outrora,
Dum tempo que passou e que não volta mais,
Quando íamos a rir pela existência fora
Alegres como em Junho os bandos dos pardais?*
Guerra Junqueiro

Quando começámos a Faculdade, percebemos logo que alguns projetos não eram possíveis. A saber: ler todos os livros do mundo, ler todos os bons livros do mundo, analisar toda a retórica ocidental, dizer tudo o que há para ser dito sobre a pintura francesa, antologizar todos os poemas de amor num só volume, etc., etc.. Para mim e para os meus companheiros (os mais ambiciosos) foi um choque. Nada que não soubéssemos antes da Faculdade. Há, porém, uma ligeira diferença entre dizermos a nós mesmos que somos pequenos e ouvirmos os outros repetirem-no, lê-lo nos livros, vê-lo no palco. A *objetividade* era a palavra que moderava a ambição quase irracional de uns dezassete anos cheios de ânimo e energia. E a objetividade vinha acompanhada da coerência, do rigor e da utilidade. Devíamos, portanto, ser objetivos, coerentes, rigorosos e produzir objetos úteis. Percebemos isto numa semana. Tentamos aprendê-lo até hoje.

Partilhávamos e partilhamos as leituras – esta semana é de Homero, a que vem será a de Arthur Miller, na seguinte lemos António Franco Alexandre – e trazíamos inclusive de outros lugares referências em comum: Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco e Almeida Garrett. O Vinicius era uma destas últimas referências. Ocupava, na verdade, as estantes da casa de cada um desde que éramos muito pequenos. E quando, lá pelos doze anos de idade, quisermos começar a ler poesia, muitos de nós tinham escolhido o Vinicius em primeiro lugar. Nesse caso, a poesia começava por confundir-se com o primeiro amor ou o primeiro amor começava por confundir-se com a poesia, que ficava algures entre o sofrimento, a doçura e a nossa necessidade de explorar os dois. Aqueles que não tinham começado por Vinicius, conheciam, no mínimo, a “Garota de Ipanema” ou “Chega de saudade”. E, por isso, o Vinicius era a referência mais consensual de todas. Ainda assim, não fazia parte do nosso plano curricular de estudantes de literatura. Homero fazia. Arthur Miller aparecia no de alguns. António Franco Alexandre também. Eça, Camilo e Garrett igualmente. Vinicius não.

Na verdade, a única vez que Vinicius integrou o programa de uma aula foi no nosso segundo ano de Faculdade. A leitura obrigatória era *Orfeu da concepção* (1954). Tivemos, ainda assim, que inscrever-nos por fora. E o Vinicius era claramente o motivo pelo qual estávamos lá. Mas não nos bastava lê-lo dentro de portas. Cedo entendemos que o Vinicius não era considerado um poeta canónico – o que é, desde logo, uma afirmação bastante

controversa –, que se via diminuído junto de autores mais conceituados (Drummond, João Cabral, Mário Quintana), e também percebemos que isso derivava de o Vinicius ter sido todas as coisas em simultâneo sem deixar que houvesse espaço ou tempo para que todos percebessem que, em cada uma delas, ele fora sempre notável. Acredito, hoje, que ler e falar sobre Vinicius de Moraes compensou, durante os cinco últimos anos, o facto de não nos permitirmos não ser objetivos, coerentes, rigorosos e úteis. Fomos crescendo, modificando-nos, a poesia ou o nosso olhar sobre ela seguiu o mesmo curso, e Vinicius foi uns dos que mais nos guiou durante essa demanda. Tratava-se e trata-se, portanto, de uma demanda difícil: articular o entusiasmo de quando se é jovem com o rigor de quando se é crescido:

Tive saudades do tempo em que a poesia para mim era isso: a noite, com suas vozes, a lua com seus véus, o silêncio noturno da terra a rolar no infinito. Tive saudades de Júlio Dantas, Ademar Tavares, João Lyra Filho. De repente, a poesia fez-se tão exigente, o poeta fez-se tão lúcido... Por que tiveste que passar, poesia inocente, poesia ruim, que eu fazia com os olhos nos olhos da lua? (Moraes 1974: 608)

Era com Vinicius que abríamos as sessões clandestinas no jardim da Faculdade e era com Vinicius que as encerrávamos. Era Vinicius que cantávamos nos cafés e eram as atitudes de Vinicius que imitávamos (para não dizer copiávamos) cheios de inocência. Por não podermos ser Vinicius, era a ele que levávamos nos bolsos ou na memória quando o amor começava e era com Vinicius que tentávamos expressar o que com a objetividade, a coerência, o rigor e a utilidade não conseguíamos. Foi com Vinicius que muitos de nós entraram na literatura brasileira. Uns chegaram depressa a Olavo Bilac, porque Vinicius o elogiava, outros foram dar a Guilherme de Almeida. No meu caso, li Castro Alves, porque Vinicius dizia tê-lo lido muito jovem e conheci João Cabral, porque teria sido, de facto, impossível não querer saber quem era o autor daquela terrível frase: “Vinicius poderia ter sido o poeta da sua geração, caso não tivesse descambado no samba”. Pareceu-nos inacreditável que alguém pudesse dizê-lo, sequer sugerir-lo, e, por isso, quando líamos outras coisas que não as de leitura obrigatória e outro colega nos avisava – não devias estar a ler Todorov em vez de Ana Cristina Cesar? –, instituímos que a resposta deveria passar

sempre por: “eu podia estar a ler Todorov, mas descambei na Ana Cristina Cesar”. E a frase que entristecia Vinicius, pois zangava-se com João Cabral toda a vez que ele resolvia dizê-la, transformava-se num excelente argumento para justificar o prazer que íamos tirando das nossas descobertas e do tempo que elas nos ocupavam. Vejamos.

Cartola, Noel, Bezerra, João Nogueira, Candeia, Cavaquinho, Ismael. Nenhum de nós é capaz de contar os músicos brasileiros que Vinicius nos apresentou. Confessamos, porém, que o facto de hoje passarmos dificilmente um dia sem ouvi-los é culpa dele. Sou, por isso, incapaz, seguramente, de conseguir dar a entender, com objetividade, coerência, rigor e utilidade a influência que Vinicius teve e tem no meu percurso e teve e tem no percurso daqueles que se sentavam comigo para lê-lo ou cantá-lo. E, por isso, interessava-nos ir mais longe, até onde o Vinicius não fosse apenas o poeta que compunha sonetos para entregar às senhoritas. Até onde ele pudesse ser lido de outro modo. E foram, na verdade, vários os modos que encontramos para lê-lo. Num deles, conservámos todos os textos sobre o Rio de Janeiro. Nenhum de nós conhecia o Rio de Janeiro, mas todos conhecíamos o Rio de Vinicius. Nenhum de nós era carioca, mas todos queríamos sê-lo. Vinicius tornava-o possível e irónico, porque se havia homem ou mulher singular teria que ser carioca, e, ao querermos formar um coletivo carioca, ou de aura carioca, perdíamos a singularidade pelo caminho. Ou talvez não.

Vinicius foi essencial no momento em que começámos a pensar a questão do poeta integrado na cidade e a possível sensualização do que era urbano. Sem Vinicius, não teríamos lido tão cedo João do Rio ou entrado tão com tanta curiosidade na leitura de Baudelaire. Sem Vinicius não teríamos, com toda a certeza, olhado a nossa própria cidade com o único propósito de *flanar*.

2008 foi o ano em que a invenção da nossa cidade imaginária, este Rio de Vinicius, ganhou um hino. Eucanã Ferraz reuniu, em *Poemas esparsos*, aquele que constitui, a meu ver, a mais bonita declaração do poetinha à cidade carioca: “Cartão-Postal”. Conhecemos “Cartão-Postal” um ano depois, em 2009, e ele comprovava o que um pouco antes escreveramos sobre Vinicius:

Nenhum de nós partilha o apelido, mas ganhámos, com o passar do tempo, um avô em comum. O nome dele é Vinicius ou *Vina* como alguns aqui gostam de chamá-lo. O que há de mais extraordinário no vovô Vina é que ele disse tudo o que havia a ser dito sobre o amor, negando a uns a possibilidade de conceber obra nesse sentido e dificultando a outros o trabalho crítico de se debruçarem sobre ele.

“CARTÃO-POSTAL”

V
avião
v
v

R

I

0

Rio

DE JA

lua

NEIRO!

MEURIO

ZINHODEJANEIRO!MINHASÃOSEBASTIÃODORIODEJANEIRO!

CIDADEBEM-AMADA!AQUIESTÁOTEUPOETAPARADIZER-TE

QUETEAMODOMESMOANTIGOAMOREQUENADANOMUNDO

NEMMESMOAMORTEPODERÁNOSSEPARAR.

Aquiporeisssssssssssssssssssssparafingirdomosaicodopasseio

AquiporeiTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTparafingirdepalmeiras

Emeponho eu eu eu eu eu eu eu eu eu eu eu poraítudo

Quero brincar com a minha cidade.

Quero dizer bobagens e falar coisas de amor à minha cidade.

Dentro em breve ficarei sério e digno. Provisoriamente

Quero dizer à minha cidade que ela leva grande vantagem sobre todas as outras [namoradas que tive

Não só em km como no que diz respeito a acidentes de terreno entre os

[quais o número de buracos não constitui fator desprezível.

Em vista do que pegarei meu violão e, para provar essa vantagem, sairei

[pelas ruas e lhe cantarei a seguinte modinha:

MODINHA

Existe o mundo
E no mundo uma cidade
Na cidade existe um bairro
Que se chama Botafogo
No bairro existe
Uma casa e dentro dela
Já morou certa donzela
Que quase me bota fogo.

Por causa dela
Que morava numa casa
Que existia na cidade
Cidade do meu amor
Eu fui perjuro
Fui traidor da humanidade
Pois entre ela e a cidade
Achei que ela era maior!

Loucura minha
Cegueira, irreabilidade
Pois realmente a cidade
Tinha, como é de supor
Alguns milhares de km²
E ela apenas, bem contados
Metro e meio, por favor. (Gil 2009: 53-54)

O que há de mais sugestivo no poema é a relação entre a imagem e o verbal ou a forma como o verbal substitui a imagem. A letra “v” forma o corpo do avião. Por sua vez, a própria palavra “avião” forma as suas asas. Na paisagem, a “lua” fica abaixo, perto do pico montanhoso, que a expressão “Rio de Janeiro” vai montando. Abaixo da montanha, o mar. E a espuma, claro está, graficamente mais irregular. Ao lado do mar, o célebre mosaico do

calçadão de Copacabana lembrado pela forma da letra “s”, as palmeiras, desenhadas pela letra “t”, e o protagonista.

“Cartão-postal” seria a introdução do *Roteiro lírico e sentimental da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, onde nasceu, vive em trânsito e morre de amor o poeta Vinicius de Moraes*, livro que nunca chegou a ser terminado. E apesar de nunca terminado, quis significar o que foi e ainda hoje é o Rio de Janeiro para nós: mais do que uma paisagem turística, um bilhete de amor.

Consagrados então falsos-cariocas, e mais do que de acordo relativamente à criação de uma cidade para onde fugir com os livros, a peça *Orfeu da Conceição*, a nossa única matéria obrigatória, trouxe-nos, como segundo modo de leitura, um Vinicius comprometido com a tradição literária. A adaptação das figuras mitológicas de Orfeu, Eurídice, Apolo, Proserpina e Plutão ao morro carioca, a própria designação “tragédia carioca”, a transformação da lira em violão, o gesto interventivo de defender que os seus atores teriam que ser obrigatoriamente negros. E, sobretudo, a invenção de uma catábase moderna, com recurso ao Carnaval. Nessa altura, Vinicius levou-nos a ler Apolodoro pela primeira vez, fez com que fotocopiássemos e repartíssemos as *Metamorfoses* de Ovídio, discutíssemos as *Geórgicas* de Virgílio e conduziu-nos igualmente até Sophia e Miguel Torga que, como ele, se dedicaram à temática órfica². Facilitou-nos, além disso, a entrada no universo teatral de Nelson Rodrigues.

O terceiro modo de interpretá-lo chegou com a leitura do poema “História passional, Hollywood, Califórnia”. A partir dele, acredito que nenhum de nós voltou a olhar Vinicius com a propensão turística comum: homem das nove esposas, compositor de bossa-nova, poetinha do amor. Vinicius é também o poeta do grotesco, como defendeu muito recentemente Daniel Gil, aborda a morte como poucos poetas brasileiros e — defende até mesmo Gil — assume o papel do “principal herdeiro da poesia grotesca cunhada por Augusto dos Anjos” (Gil 2009: 37).

E não exagera.

[...]

Balucio uma desculpa e digo que estava pensando...
Falas que eu pense menos e me fazes um agrado
Me pedes um cigarro e riscas o fósforo com a unha
E eu fico boquiaberto diante de tanta habilidade.

Me pedes para te levar a comer uma salada
Mas de súbito me vem uma consciência estranha
Vejo-te como uma cabra pastando sobre mim
E odeio-te de ruminares assim a minha carne.

Então fico possesso, dou-te um murro na cara
Destruo-te a carótida a violentas dentadas
Ordenho-te até o sangue escorrer entre meu dedos
E te possuo assim, morta e desfigurada.

Depois arrependido choro sobre o teu corpo
E te enterro numa vala, minha pobre namorada...
Fujo mas me descobrem por um fio de cabelo
E seis meses depois morro na câmara de gás. (Moraes 1974: 272)

O poema “História passional, Hollywood, Califórnia” arruinou a boa disposição daquele encontro, há quatro anos atrás, e ensinou-nos que nenhum bom autor é inteiramente dominável; muito menos monótono ou previsível. Nesta lição incluímos igualmente os textos “Sob o trópico de Câncer”, “A volta da mulher morena”, “Balada do enterrado vivo”, “Soneto da hora final”, “Balada da moça do Miramar”, “Balada de Santa Luzia”, “Romance da Amada e da Morte”, “O pranteado” e “Tanguinho macabro”.

O quarto modo que encontramos para ler e falar sobre Vinicius de Moraes chegou com “O operário em construção”. Quero dizer: além de cariocas, leitores comprometidos com os clássicos e preparados agora para enfrentar a morte na poesia, cruzamo-nos, enquanto jovens, com a necessidade de definir uma posição, perante e para com os outros.

E o “Operário em construção” foi, sem dúvida, um dos poemas mais lidos no jardim. Era, porém, “Olhe aqui Mr. Buster” o poema que, à semelhança da frase adaptada de João Cabral, repetíamos diariamente, como doidos, em tom sarcástico:

Olhe aqui, Mr. Buster: está muito certo

O Sr. tenha um caco de friso do Partenon, e no quintal de sua casa em Hollywood

Um poço de petróleo trabalhando de dia para lhe dar dinheiro e de noite para lhe dar insônia

[...]

Mas me diga uma coisa, Mr. Buster

Me diga sinceramente uma coisa, Mr. Buster:

O Sr. sabe lá o que é um choro de Pixinguinha?

O Sr. sabe lá o que é ter uma jabuticabeira no quintal?

O Sr. sabe lá o que é torcer pelo Botafogo? (Moraes 2010: 47-48)

O Sr. sabe lá o que é ...?: era como qualquer um de nós responderia caso alguém lhe perguntasse por que estudava literatura, por que gostava tanto de MPB, por que queria ler todos os bons livros do mundo, lembrando-nos de que provavelmente não escolhemos a opção correta, lembrando-nos de que certamente não iríamos conservar um caco de friso do Partenon na sala de estar. Vinicius ensinou-nos a responder com orgulho e malandrice, honestidade e provocação, e caso o receptor não se contentasse com as perguntas que originalmente eram para Mr. Buster, um de nós decerto lhe diria, como, aliás, fiz questão de dizer a mim mesma nos inícios deste texto: “ponha um pouco de amor na sua vida, como num samba” (“Samba da benção”, Baden Powell e Vinicius de Moraes, 1967).

Não falo de um conjunto de jovens para falar da minha geração. Falo tão-só de um conjunto de jovens que roubou para si o vovô Vinicius.

Vinicius ensinou-nos o círculo. E foi sempre em círculo que nos sentamos para lê-lo e tocá-lo. O debate, gerado a partir das suas variadas facetas – poeta, diplomata, músico, crítico, dramaturgo, boêmio e exímio apreciador de whisky –, ajudou-nos a perceber que há autores que vão além das portas, das paredes e da casa, que estão aí para entrar mesmo é na vida. A maior de todas as lições foi dizer-nos que a vida só se dá a quem a ela se dá em primeiro lugar. E, portanto, será sempre com paixão que estes conjuntos de jovens se

deverão referir a Vinicius e será também com paixão que os mesmos conjuntos de jovens deverão encarar a missão que é estudar, hoje em dia, literatura, partilhar, hoje em dia, literatura e pensar, hoje em dia, literatura.

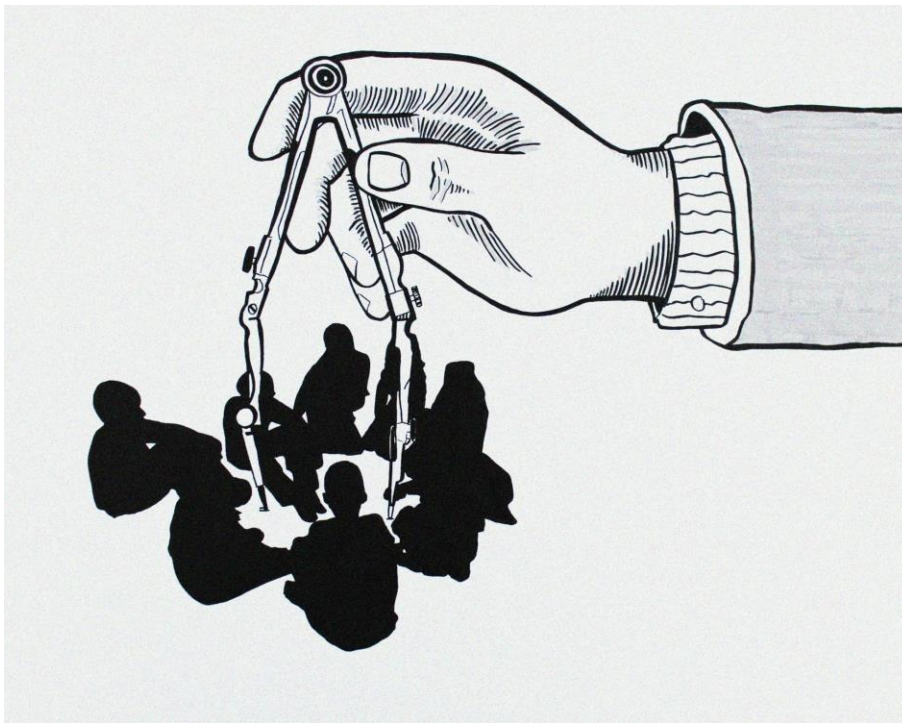
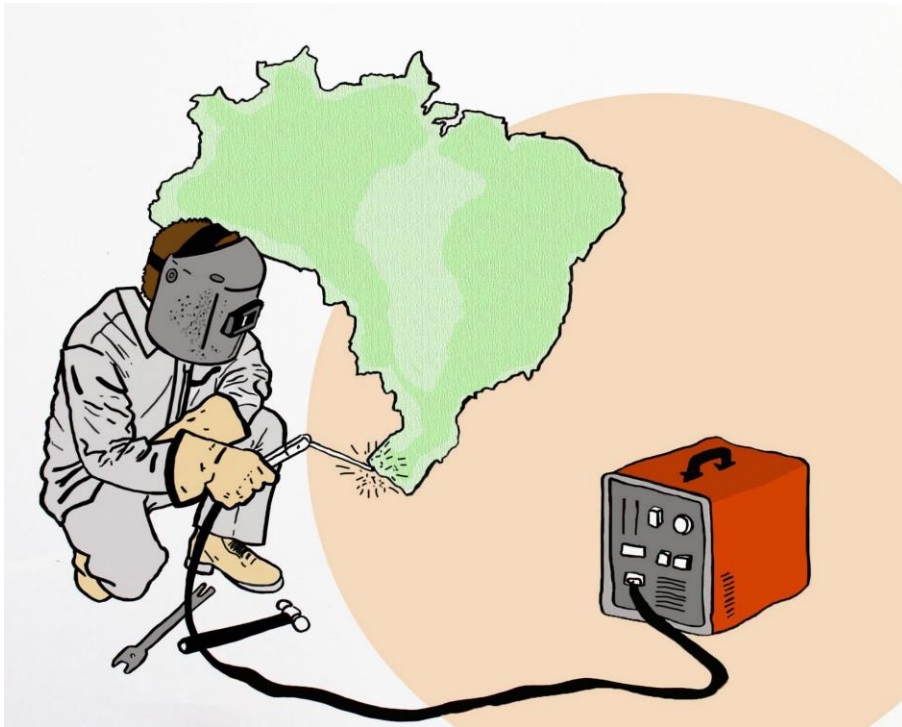
Nas sessões clandestinas, espaço de discussão e leitura, que aqui criminosamente revelei (mas não sem deixar de pedir autorização aos meus colegas), o primeiro poema de Vinicius que abria o encontro era aleatório. O último, que encerrava o encontro, era sempre o mesmo. Isto acontecia essencialmente por uma questão de gosto. O poema, votado entre todos, queria fazer menção à ausência do único membro que faltava sem nunca deixar de lembrar-nos o quão presente estava em nós; ele, o capitão do mato, Vinicius de Moraes, Poeta e diplomata, o branco mais preto do Brasil:

“AUSÊNCIA”

Eu deixarei que morra em mim o desejo de amar os teus olhos que são doces
Porque nada te poderei dar senão a mágoa de me veres eternamente exausto.
No entanto a tua presença é qualquer coisa como a luz e a vida
E eu sinto que em meu gesto existe o teu gesto e em minha voz a tua voz.
Não te quero ter porque em meu ser tudo estaria terminado
Quero só que surjas em mim como a fé nos desesperados
Para que eu possa levar uma gota de orvalho nesta terra amaldiçoada
Que ficou sobre a minha carne como uma nódoa do passado.
Eu deixarei... tu irás e encostarás a tua face em outra face
Teus dedos enlaçarão outros dedos e tu desabrocharás para a madrugada
Mas tu não saberás que quem te colheu fui eu, porque eu fui o grande íntimo da noite
Porque eu encostei minha face na face da noite e ouvi a tua fala amorosa
Porque meus dedos enlaçaram os dedos da névoa suspensos no espaço
E eu trouxe até mim a misteriosa essência do teu abandono desordenado.
Eu ficarei só como os veleiros nos portos silenciosos
Mas eu te possuirei mais que ninguém porque poderei partir
E todas as lamentações do mar, do vento, do céu, das aves, das estrelas
Serão a tua voz presente, a tua voz ausente, a tua voz serenizada. (Moraes 1974: 99)

Ilustrações





Bibliografia

Gil, Daniel (2009), *A poesia esparsa de Vinicius de Moraes*, Rio de Janeiro, UFRJ.

Moraes, Vinicius de (1974), *Poesia completa e prosa*, Rio de Janeiro, José de Aguiar.

-- (2010), *Para viver um grande amor*, org. Eucanaã Ferraz, Rio de Janeiro, Companhia das Letras [1962].

Patrícia Lino nasceu em 1990. É licenciada em Clássicas e mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes com a dissertação *e então é verdade: então a vida não passa disto. Manoel de Barros e o Círculo dos três movimentos com destino ao Homem-Árvore* (2013) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Atualmente estudante do doutoramento e professora assistente na University of California, Santa Barbara.

NOTAS

¹ As ilustrações, incluídas no final do presente texto, são da minha autoria e procuram ilustrar as ideias centrais deste ensaio.

² Sobre este assunto, vide Maria Helena da Rocha Pereira, *Novos ensaios de tema clássico na poesia portuguesa*, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa, 1989.